

O Ser em São Tomas de Aquino

Luiz Fernando dos Santos ¹

Daniel Lipparelli Fernandez ²

Resumo: O presente artigo denominado “*O Ser em São Tomás de Aquino*” tem por objetivo levar-nos a compreender todo o processo filosófico e teológico que Tomás de Aquino percorreu para suprir e responder aos questionamentos que eram feitos no período em que vivia. Este encontra na filosofia grega, especialmente em Aristóteles, o sustento e apoio necessário para desenvolver todo seu pensamento. Aristóteles é cristianizado, ganha uma nova roupagem diante da nova visão que Tomás de Aquino estabelece na filosofia. É evidente que ele não toma para si todo o pensamento filosófico de Aristóteles para construir o seu, visto que entre o Deus de Aristóteles e o Deus de São Tomás de Aquino há grande diferença, como por exemplo, o fato de em Aristóteles, Deus não conhecer as coisas, já em Tomás ele não só conhece como cuida das criaturas. Ao escrever sua obra juvenil “*Ente e Essência*” Tomás de Aquino vai usufruir não só do pensamento aristotélico, mas também do aviceniano. Desse último, ele vai tomar a contribuição que o mesmo dá tendo como base o pensamento de Aristóteles. Diz Avicena: “*Deus não só é causa motora dos seres, mas causa criadora*”. Em suma, Tomás de Aquino vai demonstrar em sua obra “*Ente e Essência*” que existe uma hierarquia entre os seres. Define o significado do que é Essência, Ente, Existência, e vai classificar hierarquicamente a posição da substância simples, substância simples criada e substância composta.

Palavras chave: Aristóteles. Filosofia. Avicena. São Tomás de Aquino.

¹ Formado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano no ano de 2011. Professor de Filosofia nas escolas EE Estevam Ferri e EE Dorival Monteiro na cidade de São José dos Campos - SP. E-mail: <nandosantoscatolic@hotmail.com>.

² Orientador. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Professor do Centro Universitário Claretiano de Batatais e Professor do Instituto São José. E-mail: <danielfernandez@claretiano.edu.br>.

1. LIVRO XII DA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

Aristóteles (1969) inicia seu livro XII da Metafísica dizendo que: “A substância é o objeto de nossa pesquisa”. Ela vem em primeiro lugar e é partindo dela que se chega até as outras coisas. Sendo assim, nenhuma das categorias, fora a substância, pode existir separadamente.

Existem três espécies de substância. Duas são sensíveis, sendo uma eterna e uma perecível. Esta última é reconhecida por todos e inclui, por exemplo, as plantas e os animais. A terceira é a substância imóvel, que certos filósofos afirmam ser capaz de existir independentemente, ou seja, ela vem antes dos seres e dá movimento a eles. A planta e o homem são substâncias perecíveis, ou seja, morrem. A substância eterna é a alma e a terceira substância é o primeiro motor.

A substância sensível é sujeita à mudança, pelo fato de estar em constante transformação, não está em ato, mas em potência.

Existem quatro tipos de mudanças, a saber: no tocante à essência, à qualidade, à quantidade ou ao lugar. A mudança quanto à essência é simples geração de destruição. Quanto à qualidade é a alteração e quanto ao lugar, o movimento. Portanto, a mudança se dá de um estado para o estado contrário sob estes vários aspectos. Logo, a matéria que muda deve comportar ambos os estados. E como uma coisa pode ser em dois sentidos, devemos dizer que tudo muda do que é potência para o que é ato. Deste modo podemos dizer que as coisas mudam, ou seja, estão sempre a caminho de uma estabilidade.

Todas as coisas que mudam têm matéria. Esse processo de mudança se dá porque a matéria é perecível, e esta mesmo em ato, continua a ter a potência, pois está em constante transformação.

Tudo que muda é alguma coisa, e a mudança tem alguma coisa, e ela tem uma causa e um fim. A causa é o motor imediato, o sujeito é a matéria e o fim a forma. Deste modo, nada é acaso, tudo tem uma finalidade.

Segundo Aristóteles (1969), é por meio das causas motrizes que temos seres e elementos posteriores. No livro XII da Metafísica encontramos os dizeres do Estagirita: “As causas motrizes existem como

coisas que precedem os efeitos”. Elas são as causas eficientes que fazem as substâncias eternas e perecíveis se moverem. De sorte que todos os seres têm as mesmas causas, uma vez que, sem substâncias que são as primeiras coisas que se concebem, não há modificações nem movimentos.

Ora nada se move ao acaso, mas é preciso que sempre haja uma causa motriz; uma coisa se move numa direção por sua própria natureza, e em outra pela força, pela influência da razão ou de algo mais. As substâncias eternas e perecíveis não podem se mover por si mesmas, precisam de algo que as mova, e este algo, é a causa motriz.

Aristóteles (1969) demonstra no livro XII da Metafísica que “há um ser que move sem ser movido e que existe em ato, esse ser não pode ser diferente do que é”. Ele é o primeiro motor (Deus) que move as coisas sem se deixar mover por elas, visto que o mesmo não conhece as coisas.

O primeiro motor existe necessariamente; e na medida em que existe por necessidade, o seu modo de ser é bom, e neste é ele um primeiro princípio. Com efeito, o necessário tem todos esses sentidos: o forçosamente necessário, porque contraria o impulso natural, aquilo que é condição imprescindível do bem, e o que absolutamente é de tal maneira e não pode ser de outra. Sendo assim, sem o primeiro motor as outras coisas não existiriam.

Dizemos que Deus é um ser vivo, eterno, supremamente bom, de sorte que a Ele pertence a vida e a duração contínua e eterna. Todas as coisas lhe pertencem, pois, é o autor de todas elas.

O ato de pensar não pode ser o que há de mais excelente. Logo, é a si mesmo que o pensamento divino pensa, já que é ele a mais excelente das coisas, e o seu pensar é o pensamento do pensamento.

2. A SUBSTÂNCIA MATERIAL E OS SEUS PRINCÍPIOS CONSTITUTIVOS

A explicação da realidade não pode ser procurada fora dela, como fizera Platão, atribuindo ao mundo supra-sensível (ideias) a perfeição, e dizendo que no mundo sensível encontramos as cópias e as coisas

imperfeitas. Para Aristóteles a realidade, na qual encontramos as respostas e a explicação das coisas, é constituída de substância e acidentes.

Entre todos os seres, a substância é a primeira, tanto no que se refere ao conceito como no que se refere ao conhecimento e ao tempo. Quanto ao conceito: ela é anterior, porque o conceito de substância está implicado no conceito das outras categorias (que são todas acidentes).

Quanto ao conhecimento: julgamos que conhecendo uma coisa, por exemplo, do homem ou do fogo, o que ela é, conhecemo-la melhor do que se conhecêssemos dela somente a qualidade, ou a quantidade ou o lugar. Isto é tão verdadeiro que também essas determinações nós chegamos a conhecê-las somente quando afirmamos o sujeito (isto é, a substância) que as possui.

Quanto ao tempo: Tanto no passado como agora o problema em torno do qual se pesquisa trabalhosamente é o ser. Não significa, por acaso, que coisa é a substância?

Quanto ao ser, enfim, porque o ser dos acidentes depende do ser da substância.

Estabelecido assim a importância do estudo da substância, Aristóteles enumera seus tipos fundamentais que são três: substâncias materiais corruptíveis, substâncias materiais incorruptíveis e substâncias imateriais.

No livro Z, ele faz aguda análise dos elementos constitutivos da substância material corruptível: Matéria e Forma. É claro que a substância corruptível não é simples, porque, se o fosse, não se compreenderia como poderia estar sujeita à corrupção, uma vez que a corrupção implica desagregação.

A substância material é corruptível porque é síntese (sínolo) de dois elementos separáveis: a matéria e a forma.

“Em todas as mudanças que se efetuam entre dois termos opostos deve haver um sujeito que permaneça ele mesmo através da mudança, como, por exemplo, nas mudanças de lugar, alguma coisa que seja

primeiro aqui e depois ali; e nas mudanças quantitativas, alguma coisa que seja de certa grandeza e depois de grandeza maior ou menor; nas mudanças qualitativas, alguma coisa que seja, por exemplo, agora sã e depois doente. Também nas mudanças substanciais é necessário admitir uma coisa que esteja presente tanto no processo de geração como no de corrupção” (METAFÍSICA *apud* MONDINI, 2005, p. 97). “De modo que se pode afirmar que o vir-a-ser não é possível se daquilo que vem a ser não preexiste nada: isto é, é evidente que alguma coisa daquilo que vem a ser já existia antes, e esta alguma coisa é a matéria, que, enquanto parte do que vem a ser, é o sujeito da mudança” (METAFÍSICA *apud* MONDINI, 2005, p. 98).

A matéria e a forma não existem, nem podem existir separadas uma da outra, mas somente juntas. A isto Aristóteles chama “sínolo”.

Na constituição do sínolo ou substância particular, a forma confere os caracteres específicos. Por exemplo: Cálías pertence à espécie humana, isto é, homem, por causa da forma. Por isso se diz que a forma é o princípio da especificação.

A matéria por seu lado é fonte de características individuais. Assim, que Cálías seja baixo, corcunda e moreno deve-se a matéria. Por isso se diz que a matéria é princípio de individuação.

“Já que em uma coisa existe, de um lado, a forma, o conceito, e de outro, a matéria, podemos dizer que as qualidades que dizem respeito à forma em si, ao conceito, constituem diferença de espécie; e que as que dizem respeito ao sínolo da matéria com a forma, a coisa concreta, não constituem diferenças de espécie” (ARISTÓTELES, 1973, *apud* MONDINI, 2006, p. 99).

Propriamente falando, a matéria e a forma não são geradas nem se corrompem. O que é gerado e se corrompe é a substância, o sínolo.

Quanto à matéria, é fácil ver que não pode ser gerada: sendo ela aquilo de que as coisas são feitas, deve preexistir a elas.

Quanto à forma propriamente dita, ela também não é produzida, mas tirada da matéria na qual preexiste não em ato, mas em potência.

Portanto, só o sínolo é produzido e gerado. “Produzir alguma coisa consiste em fazê-la de um substrato indeterminado. Por exemplo, produzir uma esfera de bronze não é produzir a rotundidade ou esfericidade, mas algo diferente e precisamente determinar certa forma em outra coisa. Quem faz alguma coisa deve tirá-la de alguma outra coisa que é pressuposta. No caso da esfera de bronze; disto, que é bronze, faz-se aquilo que é esfera de brônzea”.

3. EXISTÊNCIA E NATUREZA DE DEUS

A Metafísica encerra-se, logicamente com o tratado sobre Deus. No universo aristotélico é Ele que mantém de pé todo o edifício. Para isso o Estagirita enfrenta o estudo do Motor imóvel, Deus.

Em outra obra, na Física, Aristóteles já tratara amplamente da existência de Deus. Na metafísica retoma, de modo sintético, as teses da obra precedente. Os elementos fundamentais da prova são os seguintes: o fato do devir (a experiência mostra-nos que as coisas estão sujeitas a incessantes mudanças) e os dois princípios: a) tudo que se move é movido por outro (ou por si mesmo enquanto outro); b) na série dos que movem (isto é, dos motores) não se pode retroceder infinitamente.

Admitindo-se o fato e os dois princípios, segue-se a conclusão: existe um motor imóvel. Esta é a célebre prova aristotélica da existência de Deus pela existência do movimento (mudança). Não é a única prova que usa; nas obras juvenis encontramos as provas baseadas nos graus de perfeição e na ordem das coisas.

Para Aristóteles, o primeiro motor é imóvel, deste modo é ato puro, único, inextenso, eterno, inteligente etc. Ele move o mundo somente como objeto conhecido e desejado, não como causa agente.

Deus move o mundo como primeiro inteligível e como primeiro apetecível, em outras palavras, move o mundo como causa final e não como causa eficiente.

A operação própria de Deus é o pensamento, pensamento sempre

em ato (de outro modo Deus seria alguém que estivesse dormindo), que tem por objeto a si mesmo (de outro modo dependeria do objeto externo e assim seria inferior a ele).

O pensamento divino é ato simplicíssimo e único, dado que toda composição implica mutabilidade e mudança. Por isso Deus não conhece o mundo nem as coisas que existem no mundo.

O Deus de Aristóteles não cria o mundo, não cuida e não o conhece. É espírito puríssimo, que não pode ter nenhum contato com a matéria. Deus não se importa com o mundo. Mas o mundo sente o fascínio de Deus e, em estado de grande arrebatamento, se move na direção dele como para sua meta final.

4. TOMÁS DE AQUINO E A FILOSOFIA DO SER

Os pontos nos quais se funda toda a metafísica de Tomás de Aquino são os seguintes: a perfeição máxima é o ser; os seres originam-se do ser por criação; a criação é participação da perfeição do ser aos outros seres; a limitação da perfeição do ser nos seres é devida a uma potência, isto é, à essência. Há nos seres distinção real entre ser e essência; entre os seres, e entre os seres e o ser existe analogia ou semelhança, porque todos eles são aparentados pela mesma perfeição.

A perfeição máxima é o ser: não a ideia de ser, mas o ato de ser. Esta é a grande e genial intuição de Tomás de Aquino, intuição que lhe permite construir novo sistema filosófico, diverso dos de Platão e Aristóteles; sistema totalmente novo, mesmo nos elementos que Tomás aceita de Platão e Aristóteles, porque ele os batiza nas águas lustrais de sua noção de ser.

Um dos maiores problemas resolve com esse novo sistema. A essência de Deus constitui-se exatamente pelo ser, sendo o ser a suprema perfeição e, por isso, a que mais convém a Deus.

Aplicado às coisas, o novo conceito de ser explica a origem delas, a sua finitude, a sua semelhança e o seu agir (e vir-a-ser): as coisas originam-se

por participação na perfeição do ser. São finitas porque a sua participação é limitada: são semelhantes porque todas são aparentadas pela mesma perfeição; estão em condições de agir porque o agir é a irradiação do ser que possuem. Com o novo conceito de ser, Tomás pode explicar as relações entre substância e acidentes, entre alma e corpo: o acidente recebe o ser da substância; o corpo, da alma. Tendo a alma o ser por si mesma, a sua imortalidade é facilmente garantida.

Para o doutor angélico, o ser é a atualidade de todos os atos e, por isso, a perfeição de todas as perfeições. Aliás, a excelência de uma coisa depende do seu ser.

As razões desse primado do ser segundo Tomás de Aquino são várias. Ao ser não se pode acrescentar nada que lhe seja estranho porque nada lhe é estranho, com exceção do não ser, que não pode ser nem forma nem matéria. Aqui temos uma grande diferença em relação a Aristóteles, visto que o Deus de Tomás conhece todas as coisas.

Os seres procedem do ser por criação. A perfeição do ser como tal é única e identifica-se com Deus. Como explicar que, além do Ser, existam seres? Segundo Santo Tomás, isto se deve à ação criadora do Ser. “O Ser subsistente não pode ser mais de um. Logo, todos os seres diversificados necessariamente devem ser causados por um ser primeiro perfeitíssimo.”

A comunicação do Ser aos seres não se dá por emanção, como ensinaram os neoplatônicos, mas por criação, produção, a partir do nada, de alguma coisa que participa da perfeição do Ser.

A criação é participação dos seres, por semelhança, na perfeição do Ser. A palavra “participação” é empregada tanto para descrever o ato pelo qual o Ser comunica a sua perfeição aos seres como para indicar a operação pela qual os seres participam da perfeição do Ser. A primeira chama-se participação comunicativa e a segunda participação receptiva.

Tomás de Aquino distingue dois modos de participação receptiva: a participação predicamental (ou material ou por composição) e a participação transcendental (ou por semelhança). As criaturas são participações do Ser no segundo sentido.

Diz o doutor angélico: Há dois modos de participar de alguma

coisa. No primeiro modo participa-se da substância do participante, como quando o gênero é participado pela espécie (o gênero faz parte da substância da espécie). Mas não é deste modo que o Ser é participado pela criatura. Logo, o Ser é participado sem se tornar parte da essência da coisa”. Em outras palavras, os seres não participam do Ser como as fatias participam de um bolo. Se fosse assim, o Ser e os seres teriam a mesma natureza. Mas os seres participam do Ser como uma cópia participa do seu modelo. É participação por semelhança, não por essência.

A limitação da perfeição do ser nas criaturas é devida à potência, isto é, à essência. De fato, é necessário que alguma coisa limite a perfeição do Ser, por si infinita, aos graus finitos que ela tem nos seres. Esta função compete à potência, ou seja, à essência. “O Ser considerado de modo absoluto”, diz Tomás, “é infinito. Por isso, se ele se torna finito, é necessário que seja limitado por alguma coisa, que tenha a capacidade de recebê-lo, isto é, pela essência”, a qual é diferente de ser para ser. Distingue dois grupos principais de essências: as essências puras (como os anjos) e as essências mistas, isto é, compostas de matéria e forma. Da concepção de essência como potência limitativa do ser, ele deriva a doutrina importantíssima da distinção real entre essência e existência.

Tomás retoma a doutrina aviceniana da distinção real, mas a modifica radicalmente: ele não considera mais a essência e existência segundo a relação de substância e acidente, mas segundo a relação de potência substancial e ato substancial: “O Ser de uma coisa, embora não sendo a sua essência, não deve ser considerado como algo acrescentado, como os acidentes, mas deve ser posto no nível dos princípios da essência”. Essa distinção real entre essência e existência explica a finitude dos seres. Não é necessário, por isso, pôr a matéria nos anjos a fim de justificar-se a sua finitude.

Entre os diversos seres e entre eles e o Ser há analogia ou semelhança. É claro de fato, que os seres, procedendo todos da mesma fonte, têm alguma coisa em comum que os torna semelhantes. Esta semelhança é mais ou menos profunda conforme pertençam à mesma espécie ou não.

Se os seres pertencem à mesma espécie, a semelhança é específica; se

pertencem ao mesmo gênero, genérica. Se não pertencem nem ao mesmo gênero, nem à mesma espécie, a semelhança é designada com o termo analogia, o qual originariamente significava simplesmente “semelhança”.

Também entre os seres e o Ser há semelhança de analogia: “Entre Deus e as criaturas pode haver semelhança de analogia, uma vez que as coisas criadas são feitas à semelhança da natureza divina”. Também a analogia entre os seres e Deus nasce da participação deles na perfeição do Ser.

5. ENTE E ESSÊNCIA

No capítulo I de sua obra, Tomás de Aquino inicia seu livro expondo que é necessário partir da coisa composta para a simples, ou seja, das posteriores para as primeiras.

O ente em si comporta duas acepções: Na primeira acepção, o ente se divide nas dez categorias, já na segunda, o ente constitui tudo aquilo acerca de que se pode construir uma proposição afirmativa. Na primeira acepção, só é ente aquilo que acrescenta algo a coisa, deste modo, a cegueira não é ente, visto que ela é a não visão.

A essência tomada na segunda acepção não deriva do ente (privações e negações). Na primeira ela deriva de ente (Deus) e designa a verdade das proposições.

No capítulo II, explica que o termo essência significa algo de comum a todas as naturezas através das quais os diversos entes são englobados nos diversos gêneros. O que se traduz pela quiddidade, forma ou natureza. O ente se predica primeiro das substâncias e secundariamente dos acidentes. É nas substâncias que reside propriamente a essência, nas simples em sentido mais verdadeiro e constituem causa das compostas.

O termo essência significa nas substâncias compostas o que é composto de matéria e forma. Pois o ser da substância composta não é apenas o ser da forma, nem somente da matéria, mas o do próprio composto.

A matéria signada é principio de individuação, não o é a matéria enquanto tal, assim a primeira integra a definição de Sócrates e a segunda a de homem.

No capítulo III, estabelece que Sócrates e homem se diferenciam pelo signado e não signado. Na definição de homem estão implícitas as três dimensões do corpo, a vida e a alma. Assim corpo será gênero de animal. Gênero significa indeterminadamente tudo aquilo que se encontra na espécie, não apenas a matéria. Designa o todo, determina aquilo que é material sem determinação da própria forma. A definição ou espécie, porém compreende ambos os elementos, isto é, a matéria determinada, que designa pelo gênero, e a forma determinada que designa pelo termo diferença. Evidencia-se a razão pela qual o gênero espécie e a diferença se relacionam de modo proporcional à matéria, à forma e ao composto da natureza embora não se identifiquem com eles. De duas coisas se constitui uma terceira (ser humano).

A essência da espécie é significada pelo termo homem, que se predica de Sócrates. Se a natureza da espécie é expressa com abstração da matéria signada, será considerada como parte, significando o termo humanidade, visto significar aquilo em virtude do que o homem é homem e não outra coisa. Significa a parte formal. Homem significa a essência como todo e humanidade significa como parte, prescindindo de qualquer designação da matéria, não se predicando dos indivíduos.

O capítulo IV deixa claro a nós que os conceitos de gênero, espécie e diferença convêm à essência enquanto esta significa a matéria de um todo. Nesta acepção pode ser considerada de maneira absoluta: só se afirma o que se lhe aplica enquanto tal, ou segundo é enquanto tem o ser nisto ou naquilo: pode se lhe aplicar coisa que lhe é acidental.

O conceito de universal implica o de unidade e comunidade, por isso não convém à natureza, no sentido absoluto, pois esta não contém comunidade. Também o conceito de gênero não é própria à natureza segundo aquele ser que tem nos indivíduos, pois não contém sua unidade tal qual exigiria o conceito universal (Humanidade- forma)

Com efeito, a predicação consiste em algo efetuado pelo intelecto,

que tem fundamento na própria coisa, que é a unidade daqueles elementos, dos quais um se predica acerca do outro.

A essência se relaciona com o conceito de espécie: e esta se refere aos acidentes que a seguem, segundo o ser que têm no intelecto.

No capítulo V, relata que nas substâncias separadas existe a composição de forma e ser. As formas próximas do primeiro princípio subsistem em si mesmas. Por conseguinte, a essência da substância simples consta exclusivamente de forma.

Daí a essência da substância simples só pode ser tomada como todo. Nas substâncias simples não pode existir multiplicidade. Assim quantos forem os indivíduos tanto serão as espécies.

Toda quiddidade pode ser entendida sem que se compreenda qualquer coisa acerca do seu ser ou existência, por conseguinte a existência difere da essência.

É necessário que toda coisa cujo ser difere da sua natureza tenha sua existência de outra. É necessário que exista uma determinada coisa que seja a causa do ser para todas as outras, pelo fato de ela ser puro ser; ao contrário iríamos até o infinito. Este ser é a causa primeira, isto é Deus.

Existe distinção de uma inteligência para outra, segundo o grau de potência e de ato, as superiores têm mais ato que potência, a alma humana ocupa o último lugar.

O capítulo VI, expõe que a essência pode encontrar-se nas substâncias. Em Deus substância simples, a essência é o seu próprio ser ou existência. Nas substâncias criadas intelectuais, a existência se difere de essência. Embora esta última, exista nelas sem matéria. Seu ser é limitado pela natureza recipiente, embora a quiddidade seja absoluta e carente de matéria. Por fim, nas substâncias compostas de matéria e forma, o ser e a natureza recebidos na matéria signada, são finitos.

Encerrando o livro “Ente e Essência” Tomás de Aquino declara que os acidentes têm uma definição incompleta, que exige o sujeito ao qual inerem. Assim o ser accidental se constitui de acidente e sujeito. Aquilo a que sobrevêm o acidente já é um ente completo em si mesmo. O acidente não é causa deste ser, causa na coisa preexistente, apenas um ser segundo ou secundário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aristóteles no livro XII da Metafísica diz que: “A substância é o objeto de nossa pesquisa”. Ela vem em primeiro lugar e é partindo dela que se chega até as outras coisas. Deste modo, nenhuma das categorias, fora a substância, pode existir separadamente.

Santo Tomás de Aquino encontra na filosofia de Aristóteles a matéria prima para construir sua grande obra filosófica.

Os pontos nos quais se funda toda a metafísica de Tomás de Aquino são os seguintes: a perfeição máxima é o ser; os seres originam-se do ser por criação; a criação é participação da perfeição do ser aos outros seres; a limitação da perfeição do ser nos seres é devida a uma potência, isto é, à essência. Há, portanto, nos seres distinção real entre ser e essência; entre os seres, e entre os seres e o ser existe analogia ou semelhança, porque todos eles são aparentados pela mesma perfeição.

A perfeição máxima é o ser: não a ideia de ser, mas o ato de ser. Esta é a grande e genial intuição de Tomás de Aquino, intuição que lhe permite construir novo sistema filosófico, diverso dos de Platão e Aristóteles; sistema totalmente novo, mesmo nos elementos que Tomás aceita de Platão e Aristóteles, porque ele os batiza nas águas lustrais de sua noção de ser.

Na obra “Ente e Essência” Tomás de Aquino vai estabelecer uma hierarquia entre os seres. A substância simples dá o ser tanto à substância simples criada, quanto a substância composta. A substância simples basta a si mesmo, é causa criadora e sua essência é o mesmo que sua existência, visto que ela não pode receber algo de fora, pois é perfeita. Já a substância simples criada está abaixo de Deus e possui forma e ser. Nas substâncias compostas temos matéria e forma, e a essência limita seu ser, sendo assim, criadas por Deus também são causas de outros seres, mas são finitos.

Em suma, o doutor angélico diz que, os acidentes têm uma definição incompleta, que exige o sujeito ao qual inerem. Assim o ser accidental se constitui de acidente e sujeito. Aquilo a que sobrevém o acidente já é um ente completo em si mesmo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. O Ente e a Essência, in: **Os pensadores**. Abril Cultural: São Paulo, 1973.

ARISTÓTELES. **Metafísica**, Livro XII. Porto alegre: Editora Globo, 1969.

MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**, Vol. 1, São Paulo: Editora Paulus, 13ª ed., 2005.

Title: St. Thomas Aquinas Being.

Authors: Luiz Fernando dos Santos; Daniel Lipparelli Fernandez.

ABSTRACT: This article called “St. Thomas Aquinas Being aims to make us understand the whole theological and philosophical process that Thomas Aquino covered to fulfill and answer to questionings that were made in the period which he lived. St. Thomas Aquinas finds out on Greek Philosophy, especially in Aristotle the sustenance and support needed to develop all their thought. Aristotle is Christianized, wins a new garment toward a new view that Thomas Aquinas establishes on philosophy. It is obvious that Thomas Aquinas doesn't take to himself all Aristotle philosophical thought to build yours, seeing there is a big difference between Aristotle and St. Thomas Aquinas's God, for example, the fact of in Aristotle God doesn't know the things since Thomas Aquinas knows how to take care of the creatures. When writing his youth work “On being and Essence”, Thomas Aquinas will usufruct not only Aristotelian thought but also Avicennian. The latter one, he will do the contribution that he does that basing on Aristotle's thought. Avicenna says: “God is not just being's motor cause but creator cause. On the whole Thomas Aquinas will demonstrate in his work “Entity and Essence” there is a hierarchy among the beings. Define the meaning of Essence, Entity, and Existence and classify hierarchically the position of sample, created and complex substance.

Keywords: Aristotle, Philosophy, Avicenna, Thomas Aquinas